

**instruções para morder
a palavra pássaro**

**instruções para morder
a palavra pássaro**

assionara souza

© Herdeiros de Assionara Souza

Edição Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Projeto gráfico Bárbara Tanaka

Fotografia de capa Karime Xavier

Revisão Silvana Guimarães

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Assionara, 1969-2018

Instruções para morder a palavra pássaro / Assionara Souza. –
1. ed. – Curitiba: Telaranha, 2022.

ISBN 978-65-997172-0-8

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD-B869.1

22-100312

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

*Para Silvana Guimarães
e todo o seu amor à palavra*

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Curitiba – PR
(41) 3246-9525
www.telaranha.com.br
contato@telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Foi feito o depósito legal
2022

*Pero la poesía (la verdadera poesía) es así: se deja presentir, se anuncia
en el aire, como los terremotos que según dicen presienten algunos
animales especialmente aptos para tal propósito. (Estos animales son
las serpientes, los gusanos, las ratas y algunos pájaros.)*

ROBERTO BOLAÑO, *LOS DETECTIVES SALVAJES*

sumário

gaiola aberta

11

uma árvore num jardim

35

o mais fundo silêncio

67

o canto do pássaro

105

posfácio | Habitar a terra de Nod (ou avistar Dioniso)

BENEDITO COSTA NETO

143

índice de títulos e primeiros versos

153

sobre a autora

159

gaiola aberta

Para todos os efeitos, estamos felizes
Não vamos considerar
O tempo que perdemos no trânsito ou ao telefone
Tentando reconduzir a vida
Aos trilhos onde o carrinho desliza sem trancos ou sustos
É preciso confiar na eficácia da ciência
Quando os cientistas saem tarde
Da noite dos centros de pesquisa
Uma barata os espia roendo os resíduos das
Drogas que caem das mesas de trabalho
E o psiquiatra jamais adormeceria sem a
Pílula milagrosa que despluga pensamentos
O que importa de fato é o investimento e a publicidade
De que um mundo admirável está prestes a surgir

Para todos os efeitos, as novas marcas de cafés
E cervejas têm dado um novo alento
Ao homem médio e sem tempo para se dedicar à
Eficiência milagrosa dos clitóris do mundo
É suficiente o uso de poucas palavras em situações burocráticas
Deixando o excesso para a solidão das páginas virtuais
E o amor, o amor, o amor...
Por favor, aguarde na linha e logo mais o atenderemos
Para todos os efeitos, o *jazz* e a música clássica
Escorrerão pelos ouvidos
Até que a moça do *telemarketing* com sua voz
Provinda de insuspeitos grotões
Transgrida a maciez semântica de humanidade própria da frase:
“Bom dia, em que posso ajudar?”

As ruas, seus espasmos de luz em meio às sombras
Tatuagens sutis de conversas e risos
Duas realidades dispersas
Não sei se foi pra ti que confessei
Minha compaixão por Caim
Sua humanidade diante do fracasso em agradar a Deus
E o peso das últimas consequências
Vejo você negociar com o destino
“Esperava mais. Não consigo sentir o suficiente.
Faça-me sentir o suficiente até adormecer”
Estou dentro do barco e ele desliza em meio a águas confusas
Caim amou sem precedentes
Sua cegueira não lhe dava acesso à lucidez
Somente olhos para Deus
Todo ouvidos e pés correndo para junto de seu amado
O que não conseguimos tocar está prenhe de símbolo
A poesia oscilando entre sono e vigília
Por nada saber, revisar o vivido feito cego tasteando o ar
Louco por converter perfume em substância
Coisa tangível ao tato e paladar
A árvore frondosa de Baudelaire
Com suas raízes e galhos violentos
Furando o chão e rasgando o ar
Enquanto nos vê passar

Curitiba, esta ilha carnívora
Engole as pessoas
Masca por anos a fio
E regurgita o corpo
Insone, atordoado e tonto
Próximo a alguma linha de ônibus
Aqui há muitas, aos tubos
Cápsulas de espera
Pessoinhas agarradas a *cell phones*
Digitam, enérgicas, mensagens
Como papéis lançados ao vento
Se flutuassem, luminosas e frias
Lotariam os céus de carências
“A ceia vai ser na mãe ou na tia?”
“Ele não gosta de ti, *fia*. Larga mão”
“Foto do meu pequeno. Niver de três anos”
“Te amo!”
“Dscp não era pra vc!”
Curitiba, gorda e embebida em laquê
O pés estouram nas sandálias
E os peidos embaixo dos panos
Esquentam por um momento as
Coxas brancas, orgulho fascista
Curitiba abriga vampiros longevos
Reticentes a *flashes* fotográficos
E conversa fiada dos repórteres literários
Capitalizaram as mais nobres causas
Pobre é a moeda corrente de sempre
Mas o poeta, o poeta anda enfermo
Delirante, largando versos pelos ares
O poeta quer se matar, mas tem um medo louco de altura
E inclina-se um pouco mais pra ver as cinzas caírem

A brisa desfaz os tufos moles antes que cheguem ao chão
O poeta é ingênuo e sofre uma dor egoísta
Quer sair de Curitiba. Curitiba não deixa
Curitiba o embriaga com suas doses de Dreyer
E as droguinhas que os moleques vendem na Trajano Reis
É preciso estar sóbrio e ter dinheiro no banco
Pra fugir do lirismo que entorpece
Mas a polaquinha sorriu
Capaz que ela aceite o programa
O batom vermelhoso e os cílios em riste
Dessas moças com um pau entre as coxas
O poeta segue abraçado trançando as pernas em dança
Descendo pela São Francisco
Até os sobrados sujos da Amintas
Onde as putas passam suas tardes
É dezembro, a noite está quente
O poeta medita sobre o ano que passou,
Sobre a vida que passou
A travesti sorri
Curitiba, sua linda! Vem! Me beija...

Poison Passion

As declarações de amor eram muitas e desconcertantes
Entravam nos cafés
Bicavam os pés dos clientes
Com os olhos de botão, imploravam migalhas
Famintas, as declarações de amor sobrevoavam as mesas
Uma criança abaixou rápido a cabeça
Diante de um rasante assustador:
— Morro sem ti!
Não fosse isso, teria sido imediatamente decapitada
De repente, a aldeia toda tomada pelos ataques
Vidraças de janelas dos quartos quebradas
Interferências na transmissão dos noticiários
E a vida rotineira tornando-se insustentável
Os corações suspensos: psicotrópicos,
Noites insones, pulsos abertos
No começo, os infectados flutuavam no éter daquele efeito
Quando perceberam o perigo que corriam
Ao se deixar levar por lágrimas e oferecimentos incondicionais
Era tarde demais, a alma fugia-lhes do corpo como um gás
O mesmo que inflava pulmões suicidas